© 2005 por Jaime Kemp

Revisão
Billy Viveiros

Capa
Alô Valentina

Diagramação
Iberê Romani

Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

19ª edição - março - 2005
Reimpressão - junho - 2005

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA HAGNOS
Rua Belarmino Cardoso de Andrade, 108
São Paulo - SP - 04809-270 Tel/Fax: (0x11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kemp, Jaime
Eu amo você : namoro, noivado, casamento & sexo / Jaime Kemp. --
19 ed. rev. -- São Paulo : Hagnos, 2005

ISBN 85-243-0325-5

1. Amor - Aspectos religiosos - Cristianismo
 2. Casamento - Aspectos religiosos - Cristianismo
 3. Juventude - Vida religiosa
 4. Namoro - Aspectos religiosos - Cristianismo
 5. Noivado - Aspectos religiosos - Cristianismo
 6. Sexo - Aspectos religiosos - Cristianismo
 7. Vida cristã
1. Título

05-0347

CDD 248.83

Índices para catálogo sistemático:

1. Adolescentes: Guias de vida cristã 248.83
2. Jovens: Guias de vida cristã 248.83

Com profundo amor e gratidão eu dedico este livro aos missionários de *Vencedores Por Cristo*.

Foi através das experiências deste ministério,
juntamente com

Guilherme e Sandra Kerr,

Dimas e Janis Pezzato,

José Ronaldo dos Reis Peyroton,

Nelson e Nila Pinto,

Ivailton e Zuleica dos Santos,

e também,

Laudir e Sonia Pezzatto, Osiander e

Márcia Schaff da Silva,

atualmente no ministério do pastorado,

que aprendi a respeito

dos problemas e dúvidas do jovem brasileiro quanto ao namoro, noivado, casamento e sexo.

Índice

Prefácio	7
1. Era uma vez...	11
2. Que sociedade...? Que harmonia...? Que união...?	25
3. Namoro a três!	37
4. Sexo...por que esperar até o casamento?	47
5. O que os pais têm a ver com o meu namoro?	59
6. Sexo do ponto de vista de Deus	71
7. O que fazer com os impulsos sexuais?	99
8. Amor ou paixão?	119
9. "Lua-de-mel" ou "lua-de-fel"?	139
10. Masturbação: pecado ou não?	159
11. Homossexualismo e Lesbianismo	179

Prefácio

— “Até onde eu posso ir com as carícias no meu namoro?” – pergunta o interessado e evidentemente comprometido adolescente, ao preletor, diante de um grupo de mais de quinhentos jovens. Estes, pela expressão de seus rostos, bebem cada palavra da palestra e, com igual interesse, aguardam a resposta que o preletor dará à questão – que, na realidade, todos querem fazer mas que a maioria se sente constrangida de formular.

“Até onde, pastor? Existem limites? Quais são eles? Quem os estabelece?” – insiste o rapazinho, cuja namorada se esforça para esconder a inquietação e a vergonha pela insistência do companheiro em expor publicamente as dúvidas e desassossegos de ambos. Certamente ela preferiria que ele ficasse quieto ou que, pelo menos, fizesse suas perguntas ao pastor, depois, em particular. O pastor não se apressa em responder. Deixa a turma bem à vontade e brinca com o rapaz: – “Já sei que

“você gosta de andar bem na beira do precipício, heim? Você quer saber os limites para poder andar bem em cima deles, não é mesmo?”

Todos riem, até o jovem, e a palestra continua neste clima de descontração onde, brincando, vai-se falando sério. Jogando uma piada aqui, outra acolá, vai-se lançando os princípios eternos, sérios e imutáveis da Palavra de Deus. Conversando-se pessoalmente nos intervalos das palestras vai-se tirando dúvidas, esclarecendo-se incertezas, consolando os desanimados e levantando os fracos. É difícil pensar em outra área da vida cristã, pelo menos entre os jovens, que tenha tantas incertezas, desânimos, fraquezas e quedas, quanto o namoro.

Foi sentindo essa necessidade que este livro foi escrito. Ele nasceu no meio dos jovens. Suas letras, linhas e páginas carregam mais de trinta anos de convivência com um incontável número de jovens nos quatro cantos do país. É isso mesmo – ele nasceu no Brasil. Embora seu autor seja norte-americano, o coração deste livro, assim como o do autor, são brasileiros. Ambos são queimados pela geada e ventos frios de Santana do Livramento, Santa Maria e Pelotas. São marcados pelas estradas de Itajaí, Joinville, Florianópolis e dos estados do Paraná, São Paulo, Rio, e subindo por aí a fora...

Talvez a sua história e o seu coração também estejam aqui. Mais do que isso, porém, este livro nasceu no propósito amoroso de um Deus pessoal. Talvez essa seja sua maior virtude: ter sido escrito por um grande pecador, redimido por um grande Deus. Mas, este livro foi mesmo iniciado quando Deus principiou a escrever a história de um moço que, aos dezoito anos, com padrões de conduta moral e namoro totalmente desvirtuados, foi alcançado pela misericórdia de um Deus amoroso e pessoal.

É esse Deus, com tão grande amor, foi transformando a mente, o coração, as atitudes e os propósitos deste jovem a ponto de fazê-lo “Embaixador de Cristo” a outros povos (cargo mais honroso que alguém pode jamais aspirar). Fez dele, um moço consagrado, um marido fiel, um pai amoroso e sensível. Por isso é fácil perceber que este livro começou no coração de Deus. Foi Ele quem chamou o Jaime. Foi Ele quem o deu (pelo menos por um tempo) ao ministério no Brasil. Foi Ele quem transformou o Jaime e tem transformado tantos outros, através das palestras que hoje se transformam neste livro, para seu proveito, amado leitor, e para a glória de Deus. É com muita alegria que o recomendo. Aleluia!

...que Deus o estava dirigindo.
Guilherme Kerr Neto

Era uma vez...

“Agrada-te do Senhor, e ele satisfará aos desejos do teu coração.” (Salmo 37.4)

Em 2 de junho de 1963, um lindo dia de sol, em Los Angeles, Califórnia, eu me formava, na faculdade “BIOLA”, após árduos anos de estudos. Aquele dia, por duas razões, ficaria marcado como muito significativo em minha vida. Primeiro, porque eu conseguira terminar o meu curso e, depois, porque precisava me despedir de Maria Rute, uma linda garota com quem eu estava namorando.

Maria Rute, uma gatinha de cabelos castanhos e olhos azuis, estava no 2º ano da faculdade e cantava no nosso conjunto. Eu estava totalmente apaixonado ou, como dizem os jovens, “vidrado” nela. Mas, Maria Rute sentia que Deus a estava dirigindo para trabalhar num

acampamento de jovens naquele verão, entre os meses de junho e agosto, e eu havia decidido trabalhar com meu pai, um construtor de casas, no norte da Califórnia.

A despedida, naquele dia, ao mesmo tempo feliz e triste, foi bem difícil para nós. Estávamos namorando há um ano e durante esse tempo, cantávamos no mesmo grupo, orávamos e nos divertíamos juntos. A dificuldade aumentava porque não sabíamos quando iríamos nos encontrar de novo, pois, embora ela fosse continuar seu curso em Los Angeles, eu estava decidido a fazer pós-graduação em Portland, no estado de Oregon. Por isso comprometemo-nos a seguir com nossos planos individuais mas a nos escrever fielmente.

De fato, durante o primeiro mês de nossa separação, recebi de Maria Rute quase que uma carta por dia, e eu, às vezes, lhe escrevia até duas vezes por dia. Eu estava tão apaixonado que costumava colocar aquelas cartas debaixo do meu travesseiro.

Com o passar dos meses, porém, as cartas foram diminuindo e eu comecei a ficar apavorado. “O que estará acontecendo? Será que ela achou outro sujeito mais bonito? (o que não seria nada difícil)”. Essas e outras perguntas bombardeavam a minha mente: “Será que posso ter certeza

de que Deus não vai ‘dar mancada’ comigo? Será que Deus está interessado em meu namoro?” – perguntava a mim mesmo...Comecei a orar a Deus: “Senhor, tu sabes o quanto quero a Tua vontade, mas Senhor, que a Tua vontade seja ela para mim!”.

Você também já orou assim: “Senhor, que a Tua vontade seja *ele(a)*, ou *aquela* faculdade, *aquela* carro?”. Ou seja, comecei a fazer chantagem com o Senhor. Dizia: “Se o Senhor ‘quebrar o galho’ para mim, eu faço isso, faço aquilo, etc.”. Fiz o que, infelizmente, muitas vezes fazemos – comecei a prometer o que nunca poderia cumprir. Enquanto pedia a vontade d’Ele, queria também a minha. Será que você já fez isso alguma vez na vida? Fazemos nossos planos e pedimos a autenticação de Deus nos mesmos.

Como foi difícil para mim entregar o namoro nas mãos de Deus e confiar no “Deus da minha Salvação”? Parece que com todos os jovens é a mesma coisa: entregar toda a vida, todo o futuro é até certo ponto, fácil, mas o namoro, “ah, isto é outra coisa!”.

Bem, nessa minha angústia em querer a vontade de Deus e, também, Maria Rute, Deus me deu um versículo muito precioso:

“Agrada-te do Senhor, e ele satisfará aos desejos do teu coração.” (Salmo 37.4)

E quais eram os desejos do meu coração? Eu vou lhe dizer: uma linda moça de cabelos castanhos e olhos azuis chamada Maria Rute! Mas, houve uma semana em que não recebi nenhuma carta dela. Tenso, resolvi fazer-lhe um interurbano. Com bastante dificuldade, conseguimos conversar e logo percebi que algo estava acontecendo e que o nosso relacionamento estava esfriando. Depois de mais ou menos 15 minutos de conversa, o Senhor voltou a falar ao meu coração: “Jaime, agrada-te do Senhor, põe em primeiro lugar o meu Reino e minha justiça, e todas as outras coisas te serão acrescentadas...”. Mas será que eu posso confiar? Será que Deus não vai falhar?

Eu ouvia o diabo cochichando ao meu ouvido: “Deus não é bom, Deus não é fiel, Ele gosta de tirar as coisas boas de você!”. Uma semana depois comecei a desenvolver certa rebeldia. Nunca cheguei a dizer que eu estava chateado com Deus mas creio que sentia isso no coração. Pensei que Ele havia-me abandonado. Quando esses pensamentos atingiram seu clímax, eu recebi uma carta de Maria Rute. Eu estava com medo de abri-la, medo

de saber algo da vontade de Deus para a minha vida. Antes de abrir o envelope, comecei de novo a fazer chantagem com Deus, imaginando que isso mudaria magicamente o conteúdo da carta.

O primeiro parágrafo era aquela saudação de praxe. Quando cheguei à segunda sentença do segundo parágrafo, meus olhos caíram sobre as palavras: “eu sinto que é da vontade de Deus que desmanchemos o namoro”. Naquela hora eu tive vontade de chorar, e chorei mesmo. Eu estava mais chateado com Deus do que com Maria Rute. Comecei a perguntar a Deus: “Como o Senhor fez uma coisa dessas comigo? Nós não fizemos um trato?”

Eu estava tão triste que até pensei em desistir de ser missionário achando que, com isto, Deus reconsideraria o que havia feito...Esta briga durou mais ou menos duas semanas. Um dia recebi uma carta da mãe de Maria Rute. Ela ficara sabendo o que havia acontecido e me escreveu. Não lembro o que ela falou na carta, mas recordo até hoje de uma poesia que ela mandou dentro do envelope. Essa poesia descrevia a nossa vida como uma série de portas diante de nós. Cada passo que nós damos nos deixa diante de uma dessas portas e o Senhor nos dá a chave para que possamos abri-la. A pessoa com quem vamos nos casar é